

5

JUAN GÓMEZ-JURADO BÁRBARA MONTES

AMANDA BLACK

O TOQUE SOMBRIO

MAIS DE
3,5 MILHÕES
DE LEITORES
EM TODO O
MUNDO!

BOOK
SMILE

Personagens



Amanda Black: vive com a sua tia Paula desde que os pais desapareceram, pouco depois de ela nascer. Agora, aos 13 anos, descobriu a verdade sobre as suas origens: é a herdeira de um antigo culto dedicado à deusa egípcia Maat, cuja missão é encontrar e roubar objetos mágicos (e não tão mágicos assim) que, nas mãos erradas, podem ser perigosos para a sobrevivência da espécie humana. Além disso, tem de lidar com os problemas típicos de uma adolescente, que não são poucos, e treinar diariamente para que os poderes que começaram a manifestar-se no dia em que fez 13 anos possam desenvolver-se até ao seu máximo potencial.



Tia Paula: tia-avó da Amanda, bem como sua tutora e exigente treinadora. Ninguém sabe que idade tem, uma vez que aparenta ter entre 35 e 55 anos. Diz que já não está em forma, mas a Amanda acha que isso não é inteiramente verdade: já viu a tia fazer verdadeiras proezas durante as sessões de treino a que a submete diariamente.

A Paula faria tudo pela Amanda, e a sua principal preocupação é mantê-la a salvo dos perigos inerentes à herança que recebeu quando fez 13 anos.



Eric: é o melhor amigo da Amanda; não só andam juntos na mesma escola, como também a acompanha para onde quer que as suas missões a levem. É um génio dos computadores e consegue piratear qualquer rede. Antes de conhecer a Amanda, era um rapaz solitário com quem toda a gente implicava, mas agora ganhou confiança e nada o atrapalha...

O que é normal, quando se está constantemente a enfrentar perigos que nos podem custar a vida! A mãe, e depois a Amanda, são as pessoas de quem mais gosta no mundo (embora também goste muito da Esme, amiga de ambos).



Benson: é o misterioso mordomo da família Black. Parece adivinhar os desejos e as necessidades da Amanda antes de ela abrir a boca. Aparece e desaparece sem ser notado, e parece estar na Mansão Black há mais tempo do que é natural — a

Amanda descobriu uma fotografia muito antiga em que o Benson aparece e... Tinha exatamente o mesmo aspeto que tem agora!

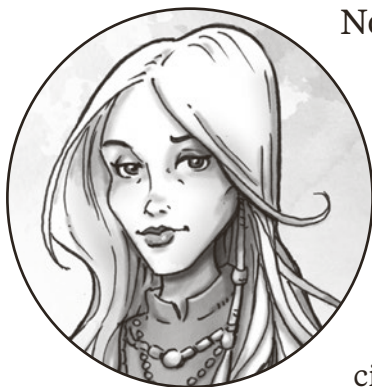
É o responsável por todo o equipamento necessário para as missões da Amanda e do Eric e é o inventor das engenhocas mais sofisticadas. Também sabe pilotar os carros, aviões e helicópteros guardados no centro de operações da Mansão Black e está a ensinar a Amanda e o Eric a operá-los. Para a Amanda e a tia Paula, o Benson é um membro da família, e já lho disseram em várias ocasiões.



Esme: é colega de escola do Eric e da Amanda. Sabe da herança da Amanda e está sempre disposta a dar uma ajuda quando a amiga precisa. Adoraria acompanhá-la nas missões e espera que, um dia, ela lho peça. Entretanto, fica feliz por os ter como amigos, e por saber das suas últimas aventuras (e também gosta um pouco do Eric).



Lorde Thomas Thomsing: lorde inglês pertencente a uma família que, em tempos remotos, foi uma poderosa aliada dos Black. Depois de um dos seus antepassados ter usado um amuleto mágico (com consequências desastrosas), a família do lorde foi expulsa do culto da deusa Maat. Agora, depois de o Lorde Thomas ter provado a sua lealdade e coragem, os Thomsing recuperaram o seu lugar junto da família da Amanda, o que deixa a tia Paula muito (muitíssimo) satisfeita.



Nora: representante do povo do subsolo, um grupo clandestino que vive há séculos em túneis subterrâneos secretos sob a cidade onde vivem os Black. Depois de tentarem estabelecer redes de comércio com os habitantes de cima (os que vivem na cidade)

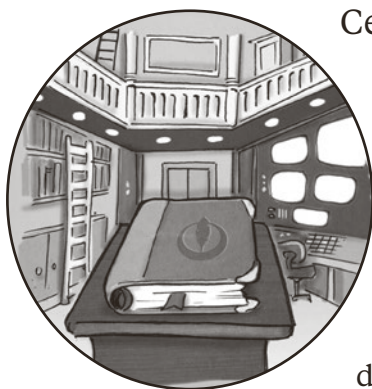
e não terem conseguido, tiveram de recorrer ao roubo, embora escolham sempre as suas vítimas entre os poderosos. As pessoas do subsolo têm numerosos agentes espalhados por todo o mundo. A tia Paula está a tentar conquistar a Nora como aliada da causa dos Black.

Locais



Mansão Black: a casa da família Black há centenas de anos. A Amanda recebeu a mansão e todo o seu recheio como herança, quando fez 13 anos. Enquanto o exterior está bem conservado, o interior nem por isso.

Conseguiram equipar algumas das divisões para uso quotidiano, mas a grande maioria ainda está num estado deplorável e quase em ruínas. Aos poucos, a tia Paula, o Benson e a Amanda vão trabalhando para a restaurar. O problema é que, apesar de possuírem a fortuna que a jovem herdou, não podem usá-la para fazer obras, porque temem que alguém descubra os segredos que se guardam lá dentro. A Mansão Black tem passagens secretas, salas que aparecem e desaparecem, e muitas coisas que a Amanda ainda não descobriu.

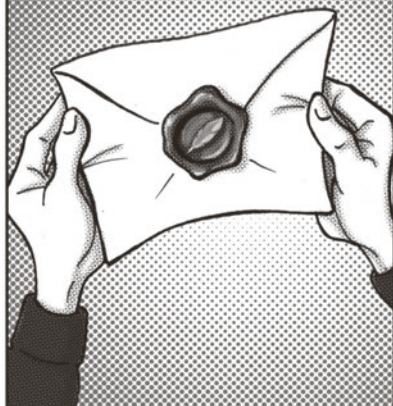


Centro de Operações: é o nome que dão à cave da Mansão Black e é onde são planeadas todas as missões da Amanda e do Eric. Escondida no interior do centro de operações está a Galeria dos Segredos, onde são guardados os objetos roubados em

cada missão (e que, enquanto continuarem a ser perigosos, não poderão ser dali retirados). Ali também se encontram os computadores mais potentes; um hangar, que alberga as aeronaves (algumas delas supersónicas) de que precisam para dar a volta ao mundo em tempo recorde; um vasto guarda-roupa

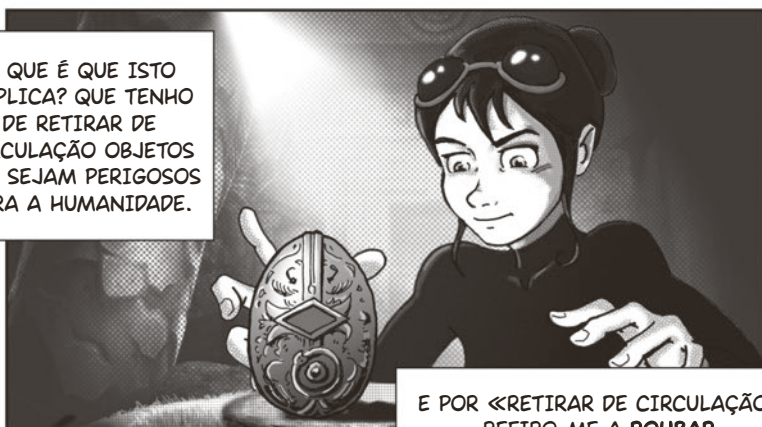
com todos os trajes necessários, desde roupa de escalada a vestidos de gala; uma biblioteca; uma área de estudo; e parte do circuito de treino que a Amanda tem de fazer todos os dias (a outra parte é nos jardins da Mansão Black, embora, neste momento, seja um tanto generoso chamar-lhes «jardins»).

NO DIA EM QUE FIZ
13 ANOS RECEBI UMA
CARTA MISTERIOSA.



FOI ASSIM QUE SOUBE QUE SOU
A HERDEIRA DE UM CULTO DEDICADO
À DEUSA MAAT, QUE REMONTA AO
ANTIGO EGITO.

O QUE É QUE ISTO
IMPLICA? QUE TENHO
DE RETIRAR DE
CIRCULAÇÃO OBJETOS
QUE SEJAM PERIGOSOS
PARA A HUMANIDADE.



E POR «RETIRAR DE CIRCULAÇÃO»
REFIRO-ME A ROUBAR.

A MINHA HERANÇA TRAZ
CONSIGO ALGUMAS APTIDÕES,
TAIS COMO FORÇA E VELOCIDADE
EXTRAORDINÁRIAS (NÃO QUE
EU SEJA UMA SUPER-HEROÍNA
OU ALGO DO GÊNERO).

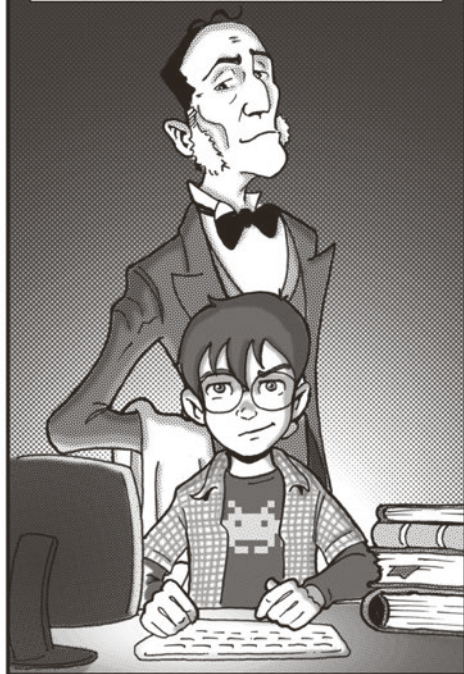


POR FALAR NISSO, OS MEUS
PAIS DESAPARECERAM POUCO
DEPOIS DE EU NASCER E EU
CRESCI COM A MINHA
TIA-AVÓ PAULA.



A TIA PAULA TREINA-ME PARA QUE EU DESENVOLVA
AO MÁXIMO AS MINHAS CAPACIDADES E POSSA
CUMPRIR TODAS AS MISSÕES COM SUCESSO.

TAMBÉM CONTO COM A AJUDA
DO BENSON, O NOSSO PECULIAR
MORDOMO, E DO ERIC, O MEU
MELHOR AMIGO, UM GÊNIO
DOS COMPUTADORES E DA
TECNOLOGIA EM GERAL.



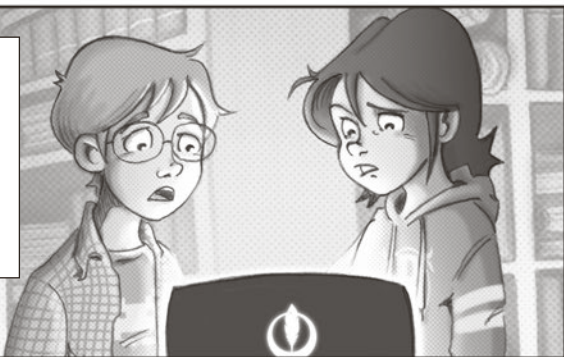
CHAMO-ME

**AMANDA
BLACK**



E ESTA É A MINHA
HISTÓRIA.

NA MINHA AVENTURA ANTERIOR, DEPOIS DE TENTAR ROUBAR UMA ADAGA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DA CIDADE, DESCOBRIMOS QUE A MINHA MÃE ESTAVA VIVA... E TINHA ROUBADO A ADAGA.



SEGUINDO AS PISTAS DA ADAGA, O ERIC E EU VIAJAMOS PARA CATMANDU.



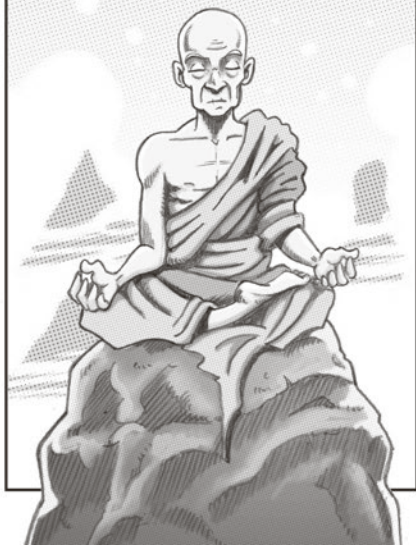
O QUE NÃO SABÍAMOS ERA QUE A MINHA MÃE E A IRMÃ DAGON LÁ ESTAVAM.

ACABAMOS NA GRANDE BIBLIOTECA DE UM MOSTEIRO NA CORDILHEIRA DOS HIMALAIAS, ONDE CONHECI UM MONGE MUITO SÁBIO QUE ME FALOU DO SINO DE JADE.

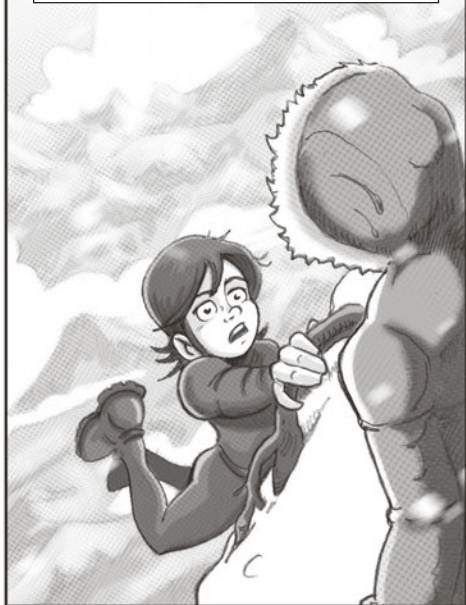
O SINO DE JADE TINHA UM TERRÍVEL PODER: SE FOR GOLPEADO COM A ADAGA, O SOM QUE PRODUZ CONSEGUE RESSUSCITAR OS MORTOS... E A MINHA MÃE E A IRMÃ DAGON ESTAVAM À PROCURA DELE.



SÓ EU PODIA EVITAR QUE AQUELE SINO TOCASSE.



A MINHA MÃE TENTOU MATAR-ME
E PROVOCOU UMA AVALANCHE
NA MONTANHA PARA CHEGAR
PRIMEIRO AO SINO. A IRMA DAGON
SALVOU-ME A VIDA.



CONHECI OS YETIS, QUE ME
AJUDARAM NA MINHA AVENTURA E
A REGRESSAR A TEMPO A CATMANDU,
ONDE ESTAVA ESCONDIDO O SINO.

MESMO COM A AJUDA DELES,
ALGUÉM CHEGOU ANTES DE MIM
AO SINO DE JADE... NÃO SEI SE FOI
A MINHA MÃE OU A IRMA DAGON.



AGORA TENHO DE EVITAR QUE
QUEM QUER QUE SEJA QUE O TEM
EM SEU PODER O FAÇA SOAR.

Prólogo

O mundo acabou.

Estou cercada, assustada e sozinha... Bem, estou com a Sara, o que é pior do que estar sozinha.

Perdi a Esme, o Eric, a minha tia, o Lorde Thomsing... Perdi-os a todos. Sou uma fracassada.

Não consegui travar a Cassandra, a minha mãe, e este é o preço que tenho de pagar.

A culpada foi a minha mãe.

Não... Isso não é verdade. A culpa é minha. Tudo isto está a acontecer porque não fiz bem o meu trabalho.

Só tinha de fazer uma coisa...! E fi-la mal.

Pôr um pé que seja na rua é uma sentença de morte. Se sairmos, há uma grande probabilidade de sermos apanhadas, mas não tenho outra opção... Não é que, com toda esta confusão, tivesse muitas, na verdade. Contudo, neste momento, só há

uma coisa que posso fazer se quiser recuperá-los a todos, e vou fazê-la, mesmo que me custe a vida.

O pior — como se já não fosse suficiente — é que a Sara quer vir comigo e, apesar de ter tentado impedi-la, esta miúda é mais teimosa do que eu... E isso não é dizer pouco. O argumento dela é que não vou ser capaz de fazer isto sozinha, que de certeza que me vou perder, que não confia em mim... Que quer ir a casa dela para ver se os pais estão bem. Enfim, a Sara a ser Sara. E, ainda assim, quero mantê-la viva a qualquer custo.

Não me resta mais ninguém.

Vamos ver como é que consigo fazer o que tenho a fazer sem que a Sara descubra os meus poderes.

A situação é a seguinte: a cidade foi cercada pelo exército, isto é, pelos soldados que sobreviveram, e não deixam ninguém entrar nem sair. Nas notícias e na rádio falam de um vírus, mas eu sei que não foi um vírus. Foi o Sino de Jade.

Foi o seu toque.

Começam a chegar relatos de cidades próximas onde está a acontecer o mesmo.

Tenho de encontrar a origem; é a única forma que tenho de encontrar o sino e talvez, apenas talvez, conseguir parar todo este pesadelo.

Sou a escolhida... Ou, pelo menos, foi o que disse a Grande Biblioteca.

Sou a única que pode destruí-lo.

Embora não saiba como fazê-lo.

— **É**s tu que o tens? — perguntei assim
que entrei no gabinete dela.

— Não — respondeu a Irma Dagon.

— Porque é que hei de acreditar em ti?

— Não tens de acreditar em mim. Só tens de recuperá-lo.

Desta é que eu não estava à espera.

Desconfiava de tudo o que esta mulher me pudesse dizer, mas no fundo sabia que não tinha sido ela a roubá-lo. Chamem-lhe intuição, sexto sentido ou o que quiserem. Sabia que não tinha sido a Irma Dagon.

Mesmo assim, tinha de ter a certeza.

— Para poderes roubar-mo? Sou uma presa mais fácil do que a minha mãe?

Ela levantou-se da cadeira atrás da secretária e aproximou-se de mim, com aquela economia de movimentos que a caracteriza.

— Não, Amanda, para o destruíres.

— E os teus pais? — perguntei. — A minha tia Paula contou-me o que lhes aconteceu... Não queres ressuscitá-los?

A Irma hesitou uns instantes antes de responder.

— Não — confessou finalmente. — Já não... Não vou mentir-te, antes queria... Fui ao Nepal só para conseguir o sino e poder devolver-lhes a vida. Tenho saudades dos meus pais todos os dias. Daria tudo o que tenho por mais um dia com eles, só mais um dia... Mas quando me deparei com aquele maldito objeto... Não sei explicar... Senti qualquer coisa... senti o poder que tinha... e era maligno. — Fez uma pausa; as mãos tremiam-lhe. Aproximou-se de um móvel, serviu-se de um líquido âmbar num copo baixo e bebeu-o de um trago. — A tua mãe tentou matar-te para o conseguir... Não. Não quero ser essa pessoa.

— Que pessoa? Uma que quer usar para fins próprios objetos que poderiam destruir a humanidade? — tentei provocá-la, mas ela não mordeu o isco.

— Não passas de uma criança. Uma Black, sim, mas uma criança. Os meus pais morreram há muito tempo. Partiram para sempre e é assim que deve ser. Nós, os vivos, temos de continuar a viver.



— Sabes onde é que está? — Não especifiquei se me referia ao sino ou à minha mãe, mas a Irma percebeu. Era o mesmo. Se o encontrasse, encontrava-a a ela.

Ela abanou a cabeça em negação.

Assenti e dei meia-volta para me ir embora. Não havia muito mais a dizer.

Acreditava nela.

— Amanda, espera. — Virei-me para olhar para ela. — Se precisares de ajuda com isto, sabes onde me encontrar. Destruir aquele sino é mais importante do que as nossas diferenças.

Claro que a Irma estava certa; não obstante, eu preferia fazê-lo sozinha. Não me podia esquecer que, embora neste caso o nosso objetivo pudesse ser comum, na maioria das vezes aquela mulher e eu tínhamos interesses muito diferentes. Na verdade, costumavam ser interesses opostos. Tão opostos quanto é possível imaginar, como o branco e o preto, a terra e o mar, ou a massa e os brócolos.

2

Sentia-me péssima desde que regressara do Nepal. Tinha falhado ao tentar travar a minha mãe. Duvidava se teria capacidade suficiente para fazer o trabalho que me competia. Já sabem, ser a herdeira de um culto secreto à deusa Maat, cuja missão é retirar de circulação objetos potencialmente perigosos para a humanidade e isso tudo. Todavia, neste caso, não importava se eu era capaz ou não, tinha de encontrar aquele sino e destruí-lo.

Porque era tão importante destruir o Sino de Jade? Em resumo, porque tinha o poder de ressuscitar os mortos. Mais especificamente, um: o meu pai. Ou pelo menos era o que pensava a minha tia Paula. Acreditava que o meu pai tinha morrido e que a minha mãe estava a tentar trazê-lo de volta.

No início, eu também não achava tão mau assim que o meu pai ressuscitasse dos mortos.

No início.

Estava enganada.

E muito.

Durante a minha viagem ao Nepal, a Grande Biblioteca insistiu que eu não devia permitir que a minha mãe usasse o Sino de Jade. A Grande Biblioteca afinal era um monge MUITO ancião, MUITO franzino e MUITO cego.

Mas, também MUITO sábio.

Guardava em mente conhecimentos milenares que mais ninguém possuía. Haviam-se perdido com o passar dos séculos.

E partilhou comigo parte desses conhecimentos. Pelo menos os que diziam respeito ao Sino de Jade. Insistiu muito que ninguém o podia fazer soar, porque ressuscitar os mortos poderia significar o fim do mundo.

Enfim, uma confusão.

De entre as poucas coisas boas que aconteceram no Nepal, tive a oportunidade de conhecer os yetis, uma espécie fantástica. Enormes, com pelagens de cores incríveis e um idioma maravilhoso. Eu não falava yeti, mas tinha-os ouvido falar entre si na língua deles e não achava possível esquecê-la. Soava como se a natureza cantasse.

Os yetis estavam em extinção, restavam muito poucos, apenas uma pequena tribo de doze adultos

e três crianças. O Benson havia criado um sistema que ajudaria a mantê-los escondidos e seguros, e nós fornecemos-lhes um equipamento com o qual poderiam comunicar-se connosco caso tivessem algum problema.

O facto é que ali estava eu, à porta do edifício Dagon, onde a Irma Dagon tem o seu escritório, sem nenhuma pista para encontrar o maldito sino... Ou a minha mãe.

E não era apenas isso: após o fracasso da minha última aventura, a tia Paula andava mais protetora do que nunca. Desde que regressámos do Nepal, não nos dera nenhuma missão. Tinha medo.

Temia que isto fosse demasiado para mim, o que era verdade.

Temia que eu estivesse a evitar as minhas emoções, e estava.

Temia o que pudesse acontecer se eu falhasse mais uma vez... E... está bem, eu temia o mesmo.

Se a tia Paula me tivesse encarregado de outra missão e eu falhasse, acho que não seria capaz de superá-lo.

Naquele momento, sentia-me uma impostora. Era suposto ser uma ladra. Roubo objetos perigosos para que ninguém os possa usar. Em teoria,

sou a melhor ladra da minha geração... Se até tenho poderes!... E, no entanto, não consegui chegar ao sino antes da minha mãe. Tirou-mo diante dos meus olhos e, por isso, fiquei muito frustrada e zangada... Mas, claro, não tinha dito nada disso à minha tia porque... Bem, porque... tinha vergonha do meu fracasso.

Sem contar que a minha mãe tentou matar-me na montanha... Preferia não pensar muito nisso, porque doía demasiado.

Ainda dói.

Passei cada um dos 13 anos da minha vida a sentir a falta dela, a desejar tê-la conhecido, a amá-la sem nunca a ter visto... E, quando finalmente a tive perto de mim, a única coisa que ela quis fazer foi matar-me.

Tive de ser salva pela Irma Dagon!

Portanto, além de frustrada e zangada, também estava triste. Desde que regressara do Nepal, passava as noites no meu quarto a chorar porque, como digo, doía — e dói — demasiado.

O Eric e a Esme sabiam pelo que estava a passar e tentavam consolar-me. Durante as tardes, estudávamos juntos antes do meu treino — não penssem que a minha tia deixou de me treinar, não —,

e aos fins de semana íamos ao cinema ou lanchar... Eu tentava dar-lhes tempo para poderem sair juntos, sem mim, e, de vez em quando, conseguia.

Eles sabiam tudo o que se passava na minha cabeça, até porque lhes contei. Precisava de desabafar. Não queria falar com a minha tia, porque já andava demasiado preocupada. Ter-me-ia tirado todas as missões até eu fazer 45 anos e isso, sim, seria insuportável.

Finalmente, tinha o que tanto desejava: a vida de uma estudante normal e comum. Nada de missões, nada de roubos, nada de aventuras, nada de perigos... Nada de nada.

Exceto a abominável normalidade.

**QUANDO COMEÇARES ESTA COLEÇÃO,
NÃO CONSEGUIRÁS PARAR DE LER!**



AMANDA BLACK

As ruas estão inundadas por uma multidão do que parecem ser... mortos-vivos!!! A cidade está cercada e ninguém pode entrar ou sair dela. Nas notícias, falam sobre um vírus, e já está a espalhar-se para as cidades vizinhas. Mas a Amanda sabe que o que provocou isto não foi um vírus... Foi o Sino de Jade: o seu toque.

Só a Amanda Black poderá travar esta loucura e salvar as pessoas. Afinal, ela é a escolhida.

Mas conseguirá a nossa heroína encontrar o sino e parar este pesadelo, enquanto luta contra os seus próprios demónios?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

9+

ISBN: 978-989-589-071-2



9 789895 890712